# REVISTA MILITAR

N.º 10 | OUTUBRO DE 1970 | II Século | Ano 22.º

Director, proprietário e editor — Empresa da *Revista Militar*
Direcção e Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa — Telef. 32 15 12

Composição e impressão: **Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes**
Rua João Pereira da Rosa, 18 — Lisboa



*As doutrinas expostas são da responsabilidade dos seus autores. A Direcção agradece a colaboração nas normas tradicionais da «Revista Militar»*


## RECONQUISTA CRISTÃ DA PENÍNSULA IBÉRICA

# 4 — NAVAS DE TOLOSA

(16 DE JULHO DE 1212)


Brigadeiro
J. A. DO AMARAL ESTEVES PEREIRA


### PRELIMINARES

Não se deixou abater Alfonso VIII de CASTELA pela morte do filho primogénito, D. Fernando, em 1211, de uma febre maligna, ao regressar a MADRID de uma expedição a MONTANCHEZ e TRUJILLO. Fora bem mais rude o golpe sofrido pela enorme derrota em ALARCOS, no mês de Julho de 1196; estivera derrotado também moralmente e, nessa emergência, assumiu papel relevante sua esposa, a boa rainha D. Leonor, animando-o e exortando-o a continuar a luta contra os Muçulmanos, no que foi secundada por muitos nobres e prelados.

Vimos, num artigo anterior (1), qual foram as primeiras manifestações desta viril reacção de Alfonso VIII. Impetrou o auxílio do Papa Inocêncio III, que pregou uma nova Cruzada, concedendo a todos, que a ela concorressem, as costumadas indulgências plenárias.

---

(1) Vide «ALARCOS», no número anterior desta revista.

Assim, atraídos por estas e pelas exortações do Arcebispo de TOLEDO, D. Rodrigo Jimenez, começaram a juntar-se nesta cidade cavaleiros de várias procedências.

Por esta forma, se congregaram, entre outros, cavaleiros da LOMBARDIA, de LYON, de VIENA, da BRETANHA, do ANJOU, de LIMOGES, de BORDEUS, numerosos Portugueses, cavaleiros e infantes dos concelhos, embrião da futura infantaria, enviados pelo nosso D. Afonso II (o Gordo), que, assoberbado com questões da governação e e lutas com suas irmãs, não poude fazer parte das forças enviadas. Além destes cruzados, dos Reis peninsulares concorreram pessoalmente, entre eles os de NAVARRA (Sancho-o-Forte) e de ARAGÃO (Pedro II); os Condes soberanos de BARCELONA, AMPÚRIAS, ROSELLON e LARA, e o clero, magnìficamente representado pelos arcebispos de BORDEUS, de NARBONE, de POITIERS, de TOLEDO, de TARRAGONA e os bispos de CUENCA, BARCELONA, PLASENCIA, ÁVILA e cavaleiros professos das Ordens de SANTIAGO, CALATRAVA, do TEMPLO e de S. JOÃO de JERUSALÉM.

Além desta brilhante cohorte de cavalaria medieval, ainda em todo o seu esplendor, formaram parte do enorme exército numerosas «mesnadas» dos Concelhos e Comunidades das cidades e vilas, entre eles as de PORTUGAL, que não tiveram menos brilhante papel na luta como veremos.

E que dizer da carriagem, da impedimenta, dos «Serviços» como hoje diríamos? As crónicas falam, talvez com exagero, de um «comboio de 70 000 carros» (Arcebispo D. Rodrigo) e ainda 9000 azémolas com cargas de baste, levando, quase exclusivamente, pão!...

Tudo isto se foi juntando nos arredores de TOLEDO, armando extensos acampamentos nos terrenos dos ALIJARES e dos CIGARRALES. E a concentração poude considerar-se completa na manhã de 21 de Junho de 1212, em que se iniciou a marcha de aproximação para o inimigo, isto é, para o Sul.

Vai-se ferir uma das mais notáveis batalhas da Reconquista, mas também uma das mais salientes debaixo do ponto de vista táctico.

De facto, conforme a opinião de cronistas e de críticos militares do País vizinho, na estrutura táctica desta batalha e na sua preparação, vamos notar que já se seguiram normas e métodos bastante acertados: houve *reconhecimentos prévios;* houve *escolha ajuizada de posições;* efectuou-se um *escalonamento em profundidade e em largura* dos vários troços do exército, com uma concreta divisão em *vanguarda, centro e retaguarda;* houve a preocupação de *cobertura na frente e nos flancos;* colocação e emprego oportuno das *reservas;* colocação certa da *impedimenta, carriagem,* etc.

E ainda, e isso assume importância capital, o aparecimento e emprego judicioso de uma *peonagem,* infantaria representada pelas milícias dos Concelhos, das Cidades, Vilas e aldeias, aquela arma que vencera em MARATONA e outras batalhas da Alta Antiguidade. E nessa infantaria, ainda incipiente, teve papel relevante a *peonagem portuguesa.* E foram estes característicos que tornaram NAVAS DE TOLOSA, não só por ter sido uma estrondosa vitória militar e política, um exemplo frizante do progresso na Arte Militar.

Dizem os cronistas que, naquele momento, «se pode afirmar existir já um conceito claro de verdadeira Arte Militar em toda a PENÍNSULA IBÉRICA».

Antes de continuarmos no relato das operações por parte dos Cristãos, vamos ver o que se passou nos arraiais Muçulmanos.

Em face destes preparativos e de umas incursões preliminares de Alfonso VIII a JAEN, BAZA, ANDÚJAR, em terras almohadas, em que obteve triunfos, Nacer, sucessor de Yusuf-ben-Yacub, proclamou a guerra-santa e embarcou para a PENÍNSULA, fazendo transportar um enorme exército de grande número de tribos africanas, desde egípcios e persas até aos naturais do MOGREB: um exército «como jamais tinha pisado solo das ESPANHAS», no dizer dum cronista! Devem ter-se concentrado, a pouco e pouco, nos arredores de SEVILLA, local costumado de concentração das tropas Mahometanas. E é desta região que se vai dar também a marcha de aproximação para Norte, ao encontro do Adversário.

Segundo as crónicas coevas pode-se estimar aproximadamente em 300 000 homens o efectivo total das forças Muçulmanas, na maioria Almohadas, mas também Andaluzes, tribos do SAHARA, Bereberes, e 10 000 negros que serviam de guarda ao quartel general, ao chefe supremo EN NACER, seu Estado-Maior e ao acampamento (o Alfaneque), operando acorrentados em cadeia humana e de lanças fincadas no solo!...

Da parte das tropas Cristãs podemos computá-las, segundo as crónicas, inicialmente, em 90 000 homens, mas não foi este efectivo que entrou na batalha, como veremos, mas muito menos, o que aumenta, ainda mais, o valor dos Cristãos...

## A APROXIMAÇÃO

Concentrados os Cristãos nos arredores de SEVILLA e repartidos em: *Vanguarda*, comandada por D. Diego López de Haro e composta pelos troços de Cavaleiros de CALATRAVA, SANTIAGO, TEMPLO e S. JOÃO de JERUSALEM, acompanhados das milícias de CASTELA; *Centro*, exclusivamente castelhano, do comando do Rei Alfonso VIII; *Ala direita*, do comando do Rei de NAVARRA Sancho el-Fuerte e composta dos troços de Castelhanos Navarros, Bascos, Portugueses, Galegos e outros, *a ala esquerda*, do comando do Rei de ARAGÃO Pedro II el Católico e composta dos troços de LIRIA, de TERRASA, de Aragoneses, Catalães e Estrangeiros (cruzados voluntários de várias procedências) e, finalmente, a *retaguarda* (reserva), exclusivamente Castelhana e como o *Centro*, do exclusivo comando do Rei de Castela.

Assim divididos, num dispositivo equilibrado iniciaram a marcha de aproximação, na manhã de 21 de Junho de 1212, seguindo para o Sul por dois itinerários (1): TOLEDO-LAYO-CUERVA-LA TOLEDANA-MALAGON, pela

(1) Aconselha-se o leitor a seguir o desenrolar da acção por um boa carta de ESPANHA.

direita e: TOLEDO-ORGAZ-FUENTE DEL FRESNO-MALAGON à esquerda e depois conjuntamente: MALAGON--CALATRAVA, ALARCOS-CARACUEL-CALZADA DE CALATRAVA-VISO DEL MARQUÉZ-PUERTO DE MURADIEL, onde encontraram as passagens da SIERRA MORENA todas tomadas por avançadas Muçulmanas, à excepção de uma, que um providencial pastor lhes indicou como desguarnecida e que foi seguida, se bem que mais lentamente. Este ponto é conhecido, pelos cronistas, por «Cruce milagroso» e é junto ao Puerto de MURADIEL. Por ali se foram infiltrando e pela ordem: vanguarda, alas, centro e reserva, seguindo um apertado vale entre as CIMA DEL REY, a SERRA del PUERTO DEL REY, à direita e SERRAS del PORTAGUILLO, MALABRIGO e del FRAILE, deixando à direita a Via romana e, à esquerda, o desfiladeiro de DESPEÑAPERROS e o Cerro del CASTILLO. Esta aproximação foi efectuada em cerca de 10 dias tendo atravessado o GUADIANA na região de CALATRAVA-ALARCOS, tomado estas povoações e vingado imediatamente a derrota passada! Assim foram-se estabelecer mais ou menos numa linha que se pode definir pela série de colinas: CERRO de la MESA, LAS CORREDERAS e apoiada nos flancos nos cursos de água: RIO DE LA CAMPAÑA e RIO GUARRIZAL, onde foram surpreendidos os Maometanos que não supunham possível esta travessia da SIERRA MORENA, sem dela se terem apercebido...

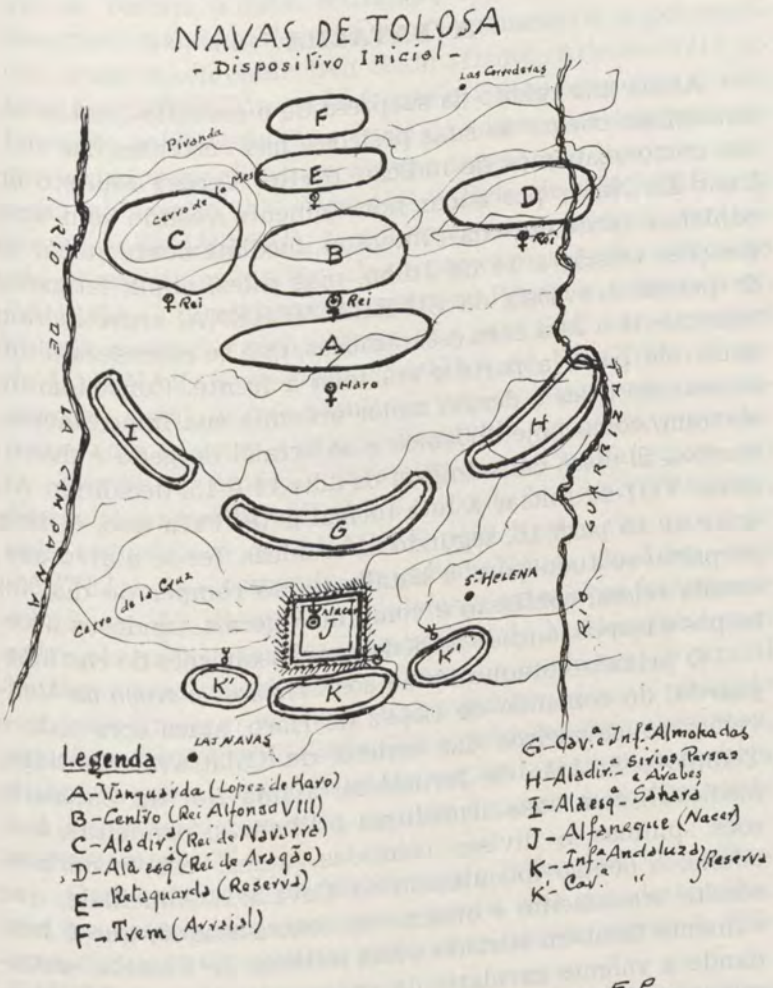
Ao mesmo tempo e em umas 5 ou 6 etapas, segundo as crónicas, os Muçulmanos, concentrados nos arredores de SEVILLA e divididos em duas colunas marcharam por: SEVILLA-CARMONA-ECIJA-ANDUJAR-LA CAROLINA, à esquerda e: SEVILLA-LA PUEBLA de CAZALLA-OSUNA-ESTEPA-CABRA-JAEN-BAEZA-ARQUILLOS, à direita, indo-se estabelecer numa linha aproximada: frente das Colinas de CERRO DE LA CRUZ-VENTA NUEVA-S.ta ELENA, apoiada também nos mesmos cursos de água, nos flancos, como a frente cristã, e aproximadamente na vertente meridional da SIERRA MORENA. Aí o Sultão, Mohamed En Nacer (ou Innacir), proclamado Emir Al Mamolin (emir dos fiéis) e que os cristãos traduziram por Miramamolin (ou Miramolim, mais simples), dispôs as

suas hostes em arco de círculo côncavo para o lado do adversário, tendo no centro a cavalaria Almohada, no flanco esquerdo as tribos do SAHARÁ, no flanco direito, as tropas Sírias, Persas e Árabes, tendo à retaguarda o arraial fortificado, onde instalou o seu P. C., Q. G. e sede do seu E. M. e em que a guarda de 10 000 negros do SUDÃO, ligados por correntes de ferro, faziam um quadrado defensivo humano de lanças fincadas no solo! Chamava-se a este arraial, que englobava o trém, a carriagem, as reservas de alimentos e o gado, o ALFANEQUE. À retaguarda ainda a reserva mas não na mão do Chefe, composta de Cavalaria e dos Peões Andaluzes, com seu comando próprio.

Assim, estavam frente a frente os dois grandes exércitos; o Muçulmano, que se estima em 300 000 homens e o Cristão, que já a essa altura estava bastante desfalcado pela deserção de alguns troços estrangeiros. De facto, parte dos «cruzados» estrangeiros, com o Bispo de NANTES à frente, ou por não poderem suportar o calor do clima de ANDALUZ, por não estarem habituados a temperaturas tão altas no verão, ou descontentes pela escassez de víveres (iam forrageando e alcançando recursos locais ao longo da marcha), ou, por doenças que começaram a grassar, ou, ainda, segundo alguns cronistas, por terem sido refreados na matança indiscriminada de prisioneiros Mouros e Judeus, o que pretendiam levar a cabo depois da conquista de cada uma das povoações, por onde passavam e o que era contrário à política dos Reis Cristãos da PENÍNSULA e que, por isso, não o consentiam, por estas razões todas, ou parte delas, empreenderam o regresso aos seus países, quando, na altura de BENAVENTE e de ALMAGRO, estavam, apenas, a dois dias de marcha de distância das posições muçulmanas!...

Esta defecção foi uma grande perda para as hostes Cristãs, não só em efectivos mas até pelo abaixamento do moral, que em parte se deu. Assim, já não se pode avaliar nos 90 000 homens iniciais, mas, talvez, nuns 60 a 70 000 apenas. Isto ainda lhes acresce o valor!...

Refeitos dasurpresa, as tropas de EN NACER estabelecem-se na esplanada que constitui a série de encostas meridionais da SIERRA MORENA, a que as crónicas cristãs




chamam: «NAVAS de TOLOSA» e os cronistas mouros: Alacab La Colina, ou Hins el Ugabl del Castilho de Aguila, nomes que ficaram a apelidar este grande prélio.

O dispositivo comum inicial, único que podemos apresentar com certos visos de verdade (guardados certos detalhes, um pouco supostos) é o que se figura no croquis junto.

## A BATALHA

Ainda não refeito da surpresa de o exército Cristão ter conseguido chegar às suas posições, nas vertentes das colinas como acabámos de indicar, o «Rei Verde» (epiteto do Emir En Nacer por audar normalmente vestido com uma «djilaba» verde de seda), intentou imediatamente atacar as posições cristãs a 14 de Julho, mas estes, ainda fatigados da penosa travessia da SIERRA MORENA, entretiveram hàbilmente a luta com escaramuças, que se estenderam um pouco de parte a parte e em toda a frente. Consolidaram as suas posições e deram maior ordem à sua impedimenta, ao trém, como hoje diríamos e ao arraial do gado e mantimentos. E nisso consumiram os dias 14 e 15, decidindo Alfonso VIII só iniciar a luta formal a 16. Para isso, à meia noite de 15 para 16, segundo as crónicas, fez-se a alvorada, preparou-se tudo para a batalha e, ao romper do dia, foi rezada missa, confissão e comunhão gerais, tendo os arcebispos e bispos lançado as bênçãos e absolvições do costume.

O primeiro ataque coube aos Cristãos: o *troço da Vanguarda*, do comando de Lopez de Haro, ataca com todo o vigor; os cavaleiros das ordens de Calatrava, Santiago, Templo e S. João de Jerusalém, a fina flor da Cavalaria medieval, com suas armaduras brilhantes, bandeiras, balsões, plumas e divisas coloridas, ataca, em formidável cunha, o centro muçulmano da Cavalaria Almohada, que resiste bravamente e ensaia um contra-ataque, que é bravamente também sustado pelas milícias de Castela, secundando a valente cavalaria da vanguarda. Mas as alas maometanas ensaiam um primeiro movimento envolvente e os Cristãos cedem e parte deles só, honra lhes seja feita, debanda, um pouco em desordem. Vendo isto, Alfonso VIII atento à manobra, avança com o *centro Castelhano*, de seu próprio comando e carrega sobre os Almohadas, tendo até, nesse ataque, estado em grande perigo; não conseguindo vencer a resistência tenaz dos adversários; manda avançar parte da *reserva* (retaguarda castelhana), que dá novo alento à luta, levando o centro maometano de vencida e chegando a acometer a reserva destes — os Andaluzes —

que se furtam à luta, retirando, como vingança, por En Nacer ter mandado degolar, sem julgamento e só por capricho cruel, o seu chefe Ben Kadir. Daqui, Alfonso VIII estava sem adversários pela frente e voltou-se contra o «Alfaneque» colaborando um troço de reserva na sua penetração e conquista. Mas, ao mesmo tempo que assim se procedia ao centro, as *duas alas* — Reis de NAVARRA, à direita, e de ARAGÃO, à esquerda — repeliram as tentativas de envolvimento das alas maometanas — das tribos do SAHARÁ (à direita moura) e Sírios, Persas e Árabes (à esquerda moura) e rechassaram-nas para Sul, nas direcções de LAS NAVAS (à direita cristã) e de VILCHES (à esquerda cristã), o que resultou, pois, a resistência muçulmana, roto o centro, tinha já diminuído consideràvelmente.

Seguiu-se, então, o investimento ao «Alfaneque», no que colaboraram pela direita o troço do Rei de NAVARRA, pela esquerda, o de ARAGÃO, pelo Norte, um troço de CASTELA, ao comando de Alvar Núnez de Lara, por mando do Rei. Rouperam as defesas exteriores fortemente entrincheiradas, rouperam as cadeias de Nubios que foram bàrbaramente trucidados e tomaram a tenda real, o arraial e a impedimenta, já Nacer tinha prudentemente montado uma égua, que um dos seus fiéis servidores lhe apresentou, dizendo: que «ela não sabe deixar mal a quem a cavalga e Alá te livrará com vida, da qual depende a segurança de nós todos»!...

Com a retirada do Miramolim, a debandada das reservas e a derrota das alas, estava ganha esta grande batalha, uma das mais estrondosas vitórias cristãs em terras da PENÍNSULA...

É preciso notar-se que na ala esquerda cristã, no troço do Rei de ARAGÃO, onde pertenciam os Estrangeiros, estes estavam já num reduzido número, dada a defecção operada, uns dias antes, como referimos. Esta ala estava portanto mais desfalcada, o que não acontecia à ala direita, onde nós Portugueses tomámos parte, em grande número, ao lado de Galegos, Castelhanos, Navarros, Vascos e Leoneses, sobretudo com a *nossa peonagem*, que, não só no ataque à ala esquerda moura, como na penetração do «Alfaneque» se portaram à altura já das suas tradições.

A propósito, Balesteros, na sua crónica «Los Anales Toledanos» dá-nos, com simplicidade e com perfeita isenção, qualquer coisa de honroso para a nossa incipiente Infantaria. Depois de referir que Alfonso VIII, em carta ao Papa relatando a batalha, fixou aproximadamente o número de estrangeiros, que intervieram, ou 1000 cavaleiros, 10 000 ginetes (cavalaria ligeira) e 50 000 peões (onde deve haver exagero, a não ser que seja o efectivo inicial antes da deserção). Nesta conta, inclui o monarca Castelhanos, certamente — diz Balesteros — as numerosas tropas portuguesas, enviadas por D. Afonso II e em que «*avultavam copiosa multidão de peões e que com admirável agilidade executaram as façanhas de combate mais pesadas do exército e que atacavam sempre com admirável e audaz ímpeto*». São estas as próprias palavras de D. Rodrigo de Toledo, transcritas por Balesteros e que foi testemunha presencial da batalha, tendo sido ferido no próprio dia 16 de Julho; *data esta*, diz ainda D. Rodrigo, *que marca bem o início do rápido declínio do poder Almohada nas ESPANHAS*».

A respeito do belo comportamento da nossa peonagem, nas NAVAS, não podemos resistir à tentação de transcrever o belo trecho de Alexandre Herculano, na sua História de PORTUGAL, fazendo comentários a esta grande batalha e à intervenção Portuguesa nela, em que escreve estas justas palavras:

> — «*Bate mais rápido o coração verdadeiramente português, quando vê, no meio da narrativa de um acontecimento em que os guerreiros Cristãos praticaram todo o género de gentilezas, não se esqueceram escritores contemporâneos e estranhos a nós, de mencionar, não as façanhas dos ilustres cavaleiros de PORTUGAL, dessa nobreza altiva, cuja ocupação única era a guerra, mas dos vilãos condenados pelo seu humilde destino à obscuridade. Lá, entre a inumerável multidão de homens de armas, cobertos de ferro e montados em possantes cavalos, entre o confuso esvoaçar de pendões e estandartes, ao lado de maciços de lanças polidas, que brilhavam como um pinhal, cujo cimo orvalhado se agitasse com o vento aos primeiros raios*

*de sol, a numerosa mas pobre e grosseira infantaria portuguesa soube distinguir-se por extremos de sofrimento e de actividade no mais duro e pesado serviço do exército e no valor impetuoso com que se arrojava ao combate, como se o dar e receber a morte fosse deleite de um banquete» ..... ..... «O modo como a peonagem portuguesa se houve na batalha das NAVAS não é, porém, a única prova da importância e desenvolvimento que ia adquirindo a classe popular já no século XIII; outras virão confirmar isto mais adiante .....»* (1).

Esta *massa* era o *povo* daquela monarquia ainda recente, que despertava numa organização municipal e a que os *foros* davam garantias contra as prepotências das classes privilegiadas — o clero e a nobreza.

## CONSEQUÊNCIAS

A vitória das NAVAS teve como consequência, talvez feliz, pelo efeito moral que produziu, o cerco e a tomada de UBEDA, onde os Cristãos aprisionaram ainda 60 000 muçulmanos (segundo «Los Anales Toledanos») e, além desta povoação, VILCHES, BAÑOS, TOLOSA e FERRAT, que mantiveram apesar dos fortes contra-ataques dos Chefes Andaluzes de JAEN, GRANADA e CORDOBA e, ainda depois, se apoderaram de BAEZA, que encontraram deserta, abandonada...

No fim de Julho desse ano de 1212, o exército Castelhano sem aliados voltou a TOLEDO, onde se dissolveu. As tropas portuguesas regressaram ao nosso País. Era tempo! Era tempo para se evitarem mais depredações e vexames dos Leoneses!

---

(1) Alexandre Herculano, «História de Portugal», Tomo IV, pág. 31 e seguintes.

Mas Alfonso IX de LEÃO não esperou que o reforço do troço Português vencedor se fizesse sentir duramente no castigo merecido e na vasta área por ele ocupada no Norte do País. Retirou a tempo! Parece, mesmo, que as hostilidades entre os Reis de CASTELA e de LEÃO cessaram pouco depois, pois Alfonso VIII, regressado com o máximo prestígio, podia fazer-lhe pagar bem caro, já não a defecção e não comparticipação na Cruzada empreendida para NAVAS, que isso era ainda o menos, mas a audácia e a aleivosia de ter ocupado praças castelhanas (simplesmente 10 fortalezas!...) e ainda ter invadido territórios de PORTUGAL, seu aliado, cujo Rei era seu genro e quando ele, Alfonso VIII, já ia, à frente de exércitos Cristãos aliados, na direcção das encostas da SIERRA MORENA, ao encontro do inimigo!...

No entanto, diz-nos a História que, mesmo nesta emergência, Alfonso VIII foi magnânimo, ofereceu a paz ao de LEÃO, cujos preliminares se trataram ainda dentro de 1212 e que se firmou na primavera seguinte (1213).

Uma das imposições, contudo, do Rei de CASTELA ao Leonês, segundo ainda as crónicas de Rodrigo de TOLEDO, foi a restituição a seu genro, Afonso II de PORTUGAL, de todas as praças e castelos tomados por ele na guerra, em defesa das Infantas Portuguesas contra seu irmão e de que ele tinha tomado partido. Para estas é que NAVAS teve consequências bem funestas! Mas isto foge do assunto deste artigo...

Pouco sobreviveu Alfonso VIII à vitória de NAVAS; faleceu a 5 de Outubro de 1214. Jaz, com essa boa mulher, D. Leonor de INGLATERRA, em dois túmulos geminados, no Mosteiro de las Huelgas, em BURGOS, onde se encontra também o célebre «pendão das NAVAS», tomado ao Chefe Supremo Muçulmano.

Não consta, e parece certo, que D. Afonso II de PORTUGAL não tomou parte na batalha, ou por estar preso a negócios políticos, ou por causa da guerra com as Irmãs, ou ainda, e é o mais plausível, por ter o reino invadido pelo Leonês, que tomara partido por sua mulher, uma das Irmãs do Rei. D. Afonso II não era, contudo, pròpriamente um guerreiro; por índole escapava à regra e tendência dos cava-

leiros fidalgos do seu tempo, que faziam da guerra quase a sua razão de ser; era contudo um monarca sensato e justo; foi um bom Rei e, se não fossem as contendas com as Infantas, suas Irmãs, teria tido um reinado feliz, naqueles perturbados tempos de conquista e lutas constantes da 1.ª dinastia e até porque criou prestígio internacional pelo auxílio prestado a seu sogro e que, afinal, indirectamente terminou com as incursões do Rei de LEÃO, que tinham começado em 1210.

*

NAVAS foi bem a desforra de ALARCOS, como CANGAS DE ONÍS o foi de CHRISSUS (ou GUADALETE). Tanto em NAVAS, como em COVADONGA, a principal determinante da vitória foi a surpresa táctica, quer do ataque do alto das margens abruptas do RIO DEVA, quer da passagem pelo milagroso «puerto» desguarnecido, indicado pelo pastor. Ainda em NAVAS, a oportuna entrada da reserva, logo após o recuo do centro, sob o comando de Afonso VIII foi também um dos factores salientes do êxito. E foram estes, em primeiro lugar, as determinantes de uma vitória em grande inferioridade numérica, de cerca de 70 000 contra 300 000 e sem uma superioridade saliente de terreno!...

Quando tratarmos, em trabalho futuro, do SALADO, veremos também certas analogias, que as houve, mais ou menos sempre, nas lutas entre os povos peninsulares e até de semelhanças no auxílio de parentes, em que nós PORTUGUESES, sempre generosamente auxiliámos, em situações e momentos críticos, os parentes CASTELHANOS, como nos casos de NAVAS e do SALADO, entre Sogros e Genros...

Mas a principal consequência de NAVAS foi o abatimento do poderio e prestígio político Almohada. Poucos anos haviam de decorrer que outro poderio muçulmano, o dos «Menimerines», se havia de manifestar na PENÍNSULA, com desembarques em TARIFA em 1275. Ia começar novo ciclo de lutas, em continuação da Reconquista...

## NOTA FINAL

A propósito de Sancho VII-el-Fuerte, Rei de NAVARRA e que comandou a ala direita, em que estavam incluídos os troços de cavaleiros e peões Portugueses, é interessante referir que este último rei da dinastia dos Sanchos de NAVARRA, antes de começar a dinastia Francesa e que viveu de 1194 a 1234, foi o que ajuntou ao seu escudo heráldico as célebres «Cadenas», por ter rompido as que fecharam a tenda do Emir Miramolim na batalha das NAVAS e que ficaram como símbolo de NAVARRA, nos seus escudos heráldicos, como se podem ver nos Ayuntamientos de PAMPLONA, TUDELA, RONCESVALLES e ESTELLA.

### FONTES CONSULTADAS

— «História de Portugal», Ed. de BARCELOS, sob a direcção do Prof. Damião Peres, Vol. II.

— Idem, de Alexandre Herculano, Tomo IV.

— Transcrição das Crónicas de Balesteros, do D. Rodrigo de TOLEDO, e do Árabe Abdelhalin, «Anales Toledanos» e «Crónica Compostelana», em várias obras.

— «Europa, su Forja En Cien Batalhas», do General Kindelan, Madrid, 1952.

— Apontamentos pessoais de Estratégia.